



TRAVESSIAS ED. 08 ISSN 1982-5935

revistatravessias@gmail.com

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO:
MÁSCARAS DO COTIDIANO EM *BOLOR* E *O MUNDO DOS OUTROS*

BETWEEN THE PUBLIC AND PRIVATE:
MASKS OF LIFE IN THE NOVELS *BOLOR* AND *O MUNDO DOS OUTROS*

Marcos Fiuza¹

RESUMO: Tanto em *Bolor*, de Augusto Abelaira, quanto em *O Mundo dos Outros*, de José Gomes Ferreira, o cotidiano concentra o cerne dos questionamentos a respeito das relações interpessoais. Seja em um ambiente privado, seja nos espaços públicos percebemos toda complexidade que emana destas abordagens e compreendemos como a temática da transfiguração do indivíduo, quando em contato com o outro, se faz presente e perpassa as duas obras.

Palavras-chave: Literatura portuguesa, narrativa contemporânea, crítica e interpretação, cotidiano

ABSTRACT: Both in *Bolor*, de Augusto Abelaira, as in *O Mundo dos Outros*, de José Gomes Ferreira, the daily focus of the core questions about the inter-personal relations. Whether in a private setting, whether in public realize the complexity that comes all these approaches and understand how the theme of transfiguration of the individual, when in contact with each other, is present and permeates the two works.

Key words: Portuguese literature, contemporary novels, criticism and interpretation, daily

“O mundo faz-se sem mim, sem o meu voto, nem sequer contra o meu voto”

Augusto Abelaira

“Sou sempre o que eles querem: bom, mau, epilético, filósofo, puritano, devasso, pianista, sonâmbulo, tudo...”

Só nunca fui uma coisa: eu próprio.”

José Gomes Ferreira

1 – Apresentação

¹ Doutorando em estudos de literatura/ PUC-Rio; e-mail: mvfiuza@yahoo.com.br



Ter como foco o estudo do cotidiano leva-nos ao encontro de questões que nos fazem pensar o indivíduo enquanto unidade, ou seja, pensá-lo enquanto ente único e subjetivo que se relaciona dentro de um espectro social, bem como a busca pelo entendimento de seu caráter coletivo. Em outras palavras, tentar compreender como este indivíduo só se constitui enquanto parte de uma totalidade.

Toda complexidade que emana desta relação dual entre o homem e seu meio desenvolve-se na medida em que cada indivíduo constrói, a partir de sua subjetividade, “mundos” relacionáveis, ou seja, aquilo que tem, ou projeta, como verdade é, em suma, uma ótica particular daquilo que todos temos em comum que é a vida social.

Aquilo que convencionamos chamar de cotidiano mostra-se, aparentemente, como uma imensa e difusa massa coletiva que se organiza autonomamente. Porém, é a partir de um conjunto de relações subjetivas e intercambiáveis, que este cotidiano se constrói e esta massa organizada é o reflexo de pequenos mundos que se fundem e tornam-se coesos através do conjunto de individualidades, pois “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente”.(BERGER, LUCKMANN, 1987, p.35)

Neste sentido, o cotidiano estrutura-se dentro de diferentes perspectivas, adaptando-se a cada tipo de sociedade e suprindo, a priori, as necessidades estabelecidas por cada região. O indivíduo, personagem principal deste meio cênico, para a manutenção de um estado de coerência, ou melhor, para que, em determinado contexto, não haja conflitos e o desenrolar das relações sociais permaneçam estáveis cotidianamente, é capaz de transmutar-se e suprimir sua individualidade em prol de um bem estar coletivo, que, em sua totalidade, torna-se, também, um benefício próprio. Há, portanto, como nos mostra Certeau:

Um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados.(CERTAU , 2003, p.39)

O homem mostra-se em constante conflito com o meio em que vive e, principalmente, consigo mesmo, na medida em que sua relação com o outro se forma dentro de uma ótica negociável e sua subjetividade, muitas vezes, não se estabelece plenamente. O dia-dia é composto por uma série de micro-relações de negócio, onde se configuram uma série de símbolos identificáveis, tornando comuns determinadas situações que proporcionam uma convivência estável.



Podemos, com um objetivo didático, que convém aos propósitos deste trabalho, separar o cotidiano em dois universos distintos: o privado e o público. Ambos são constituídos por estas já mencionadas relações intra-pessoais que se estabelecem entre indivíduos de um mesmo contexto social, porém o que vai nos interessar é perceber como o foco, o ponto de vista de cada um, difere e, ao mesmo tempo, conduz-nos, mesmo que por caminhos distintos, aos mesmos questionamentos. Enquanto o universo privado nutre-se da rotina e das particularidades de uma estrutura restrita, onde a intimidade faz com que os personagens deste jogo relacionem-se dentro de uma perspectiva de isolamento e cumplicidade, o outro universo caracteriza-se por uma relação maior de troca com o mundo. O outro, neste caso, não é claramente identificável e, com isso, há um processo que leva o indivíduo a se submeter às regras gerais de sua comunidade para que, desta forma, possa ser aceito e, conseqüentemente, participe das trocas desempenhadas pelos personagens.

O que nos importa pensar é como o cotidiano leva o indivíduo a um constante processo de “mascaramento”, em que, tanto na esfera privada, quanto na pública, uma intrínseca vontade de “verdade” se desenvolve, mas não se consolida como única. A partir das subjetividades, o homem experimenta diferentes formas de contato social que, devido a este intercâmbio, impõem inúmeras condições ao ser humano, capazes de conter, ou até, subjugar sua vontade, levando-o a uma necessidade contínua de relacionar-se.

Começamos, aqui, a nos aproximar do material a ser explorado neste trabalho. Com o intuito de investigar, a partir da literatura, como estas relações se dão, elegemos duas obras representativas dos escritores portugueses Augusto Abelaira e José Gomes Ferreira para, através de diferentes abordagens, tentar dar a ver alguns destes questionamentos.

2 – Bolor e a encenação do cotidiano

hoje posso suprimir o tempo, regressar ao
princípio, nascer verdadeiramente num mundo
novo

Augusto Abelaira

Augusto Abelaira com sua escrita estilhaçada leva-nos a uma densa experiência da angústia. Por entre suas linhas, enveredamos por caminhos obscuros, onde a auto-reflexão e o auto-conhecimento se põem lado a lado num jogo de espelhos, no qual o “eu” se mostra vários e a percepção do “outro” confunde-se a si próprio. Vemos uma escritura minuciosa, em que um

Marcos Fiuza



cotidiano privado é encenado e o aparentemente trivial mostra-se por inteiro, desvelando o sufocante desgastar de um relacionamento entre pessoas que não se comunicam. Aliás, vemos, em *Bolor*, um aprofundamento do não-entendimento, da não-comunicabilidade. Quanto mais adentramos no romance, mais nos deparamos com uma crescente inquietação dos personagens, que, em um tom áspero e agonizante, deixam transparecer a ruína de suas relações:

Como se adivinhasse, num dado momento a Maria do Remédios disse-me, poisando o garfo no prato:
 - Viemos jantar fora com medo de ficar sozinhos por não termos mais nada que dizer um ao outro?(ABELAIRA, 1999, p.34)

No desenvolver do diário, vemos um crescente desentendimento entre Humberto e Maria dos Remédios, onde na tentativa de comunicação através da escrita, o não-entendimento se aprofunda, demarcando um notório distanciamento entre eles. Abelaira encena um cotidiano apreensível através do olhar do outro. Não temos um contato direto entre as personagens e, as trocas entre elas se fazem sempre mediadas pela escrita.

Abelaira estrutura o seu “não-diário” em torno de uma não-linearidade crescente, repetindo datas, fatos e personagens. Dentro desta miscelânea, percebemos como Abelaira deixa transparecer um sentimento de apatia, pois a partir desta aparente falta de encadeamento narrativo, percebemos como a ordem cronológica dos acontecimentos é dispensável, já que tanto a incomunicabilidade quanto o tom angustiante da narrativa é o mesmo do começo ao fim do texto. Vemos como a escrita de Abelaira é a clara “subversão das hierarquias da representação e a adoção de um modo de focalização fragmentada, ou próxima, que impõe a presença bruta em detrimento dos encadeamentos racionais da história” (RANCIÈRE, 2005, p.35).

Augusto Abelaira dispõe seu texto de forma partida, apresentando personagens borrados e inconclusos. Encontramos diálogos quebrados, reflexões truncadas, sendo tudo reflexo de uma comunicação debilitada, corroída. Assim, como afirmou Paulo Alexandre Pereira, vemos como “cada fracção do texto reedita a tentação bivalente de revelação e silenciamento.”(PEREIRA, 2005, p.131) Temos um forte questionamento em torno da noção de verdade e identidade, pois o autor nos apresenta “verdades” a partir de discursos e estes discursos são proferidos dentro de um jogo de máscaras, onde personagens se dão a ver sempre através da escrita. Conhecemos os personagens a partir de suas próprias narrativas e é neste ponto que a imbricação agrava-se, pois a narração que, em um primeiro momento, concentrava-se em Humberto, em outro instante do



texto, se dispersa, dando voz a Maria dos Remédios. Os signos que deveriam organizar estas relações se misturam, introduzindo um cotidiano, em princípio, caótico e difuso.

Os personagens narram a si próprio, o outro e também no lugar do outro. Vemos um baralhar de identidades que se confundem, trazendo todo um questionamento sobre a autoria do diário. A idéia singular de sujeito é contestada, trazendo uma lógica particular à enunciação, pois um múltiplo “eu” é apresentado.

Numa perspectiva pós-moderna, em que, segundo Terry Eagleton, temos “uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade”(EAGLETON, 1998, p.7), vemos que há uma fronteira tênue, quase sempre imperceptível, entre o “ser” e o “parecer”, de modo que encontramos “verdades” ligadas sempre a uma fala, a um discurso.

Neste sentido, entendemos que a leitura de *Bolor* desencadeia um baralhar de narrativas empenhadas, cada uma, na defesa de suas “verdades”. O texto queda-se sobre uma não-comunicabilidade latente entre as personagens e, neste contexto, entendemos como as narrativas buscam afirmarem-se por si só e não uma tentativa de entendimento entre elas. Encontramos espécies de “monólogos” comprometidos com a defesa de suas versões particulares e, desta forma, uma representação do outro em forma de diálogo. Este jogo de máscaras é evidente no romance, onde o passar-se pelo o outro faz parte deste lúdico processo de “(re)criação” do cotidiano e das “verdades” que os acompanham e postulam como “verdadeiras”.

O texto de *Bolor*, já em seu formato, diz-nos muitas coisas a respeito de seu caráter particular. Ao eleger o diário como “pseudo-gênero” do romance, Abelaira dá-nos a entender como as linhas que seguirão partirão de um olhar privado das personagens, já que, sendo o diário um gênero íntimo, e não compartilhado, entendemos que sua escritura será produzida mediante a um olhar definitivamente particular e, qualquer representação coletiva que possa figurar no texto é, em primeira instância, duvidosa e, quiçá, incrível.

Assim, vemos que “a verdade das coisas se liga a uma verdade do discurso”(FOUCAULT, 1979, p.18) e é através dos discursos que as personagens, na trama, são identificadas. A partir de seus relatos, conseguimos penetrar nos diferentes “mundos” e nas diferentes perspectivas de cada um. A subjetividade de cada personagem é extraída através das ideologias que emergem de suas falas, falas estas empenhadas na defesa de uma versão que se põe como verdade absoluta, mas que, no próprio desenrolar das narrativas, constatamos serem voláteis, duvidosas e, primordialmente, parciais.



As personagens, que no caminhar das páginas se mostram cada vez mais fragilizadas, trabalham suas falas na busca de ter no outro aquilo que esperam de si. A verdade que postula é a mesma que quer encontrar espelhada no próximo e, por entre idas e vindas de perspectivas, adentram em um conflituoso e arenoso mar de conjecturas que acabam por negar o outro e a si próprio como verdade e como possibilidade.

Os relacionamentos que são postos em *Bolor* giram em torno de uma verdade que se quer desvelada. As personagens, que debilmente encenam uma comunicação, mostram-se dispostos a exorcizar suas intimidades através da escrita e, com isso, unir e, talvez, resgatar algo perdido entre eles. Cito:

(...) porque não te abres com a tua mulher, não lhe perguntas a verdade: eu dir-te-ia a verdade. Talvez nos separássemos, talvez não. Mas uma sombra desapareceria dos nossos sonhos e ao menos uma vez na vida teríamos sido absolutamente sinceros, eu sentir-me-ia liberta. (ABELAIRA, 1999, p.72)

Neste universo partido, vemos como o diário representa o resgate de uma convivência perdida. O cotidiano não mais consegue dar conta dos anseios e angústias do relacionamento e os processos de negociação inter-pessoais são trocados pelo diário que parece preencher um vazio deixado pelo relacionamento. :

(...) com os meus amigos e com o meu trabalho, sou (descubro hoje) perfeitamente feliz (...)

Esta incompletude de que fala Humberto, alarga-se por todo o desenrolar do texto, refletindo-se em narrativas partidas, idéias truncadas e personagens opacos, desencadeando muitas vezes o silêncio como sintagma. Abelaira trabalha com o que Ângela Beatriz vai chamar de “dramatização do descontínuo”, pois “torna-se capaz de articular dois eixos do discurso - a fala e o silêncio”. (FARIA, 2001, p.27)

A disposição fragmentária do texto, por não estabelecer, necessariamente, um nexos de causalidade efetivo entre os capítulos, coloca-nos diante de uma lógica temporal e espacial ímpar, misturando passado, presente e futuro num jogo infinito de combinações realizáveis, apresentando, desta forma, um baú de possibilidades narrativas, sendo *Bolor*, um verdadeiro jardim de veredas que se bifurcam. Com isso, citando novamente Paulo Alexandre Pereira, vemos como:



A adição paratáctica dos fragmentos, que torna prescindíveis quaisquer nexos de solidariedade hierárquica a coligá-los, abre caminho a uma lógica disjuntiva, muito ao gosto de Abelaira, que coloca como hipótese a multiplicação exponencial de possíveis narrativos, por vezes até ao paroxismo do absurdo.(PEREIRA, 2005, p.131)

Atentando para a estrutura de *Bolor*, vemos como o texto é um recorte do entendimento que cada personagem tem de si e do outro, de como a narrativa, personalizada pela forma “diário”, traz uma apreensão totalmente subjetiva do mundo. Cito:

vagamente desejoso, agora, ao cobrir o papel com palavras azuis, de fugir, ao menos, eu, a escrever um diário íntimo, de transformar este caderno num meio de me **libertar de mim mesmo, de falar interessadamente dos outros**(ABELAIRA, 1999, p. 82)

O diário aparece como um depositário da “verdade”, mas não uma “verdade” única e universal, pautada em preceitos gerais e globalizantes, pois esta “verdade” não existe, mas uma “verdade” particular e sincera consigo mesma. As personagens desnudam-se por inteiro na defesa de suas perspectivas, pois não há, neste contexto, uma relação direta de negociação entre os personagens e, por entre suas narrativas, caminhamos na busca de um “alter-ego” agregador que una as peças deste quebra-cabeça psicologizante. Porém, uma lógica que agregue todas as narrativas e, deste modo, trace uma linha inteligível das personagens não é possível, e, assim, encontramos-nos em um oceano de “olhares”, em que um intrincado fluxo de “marés” nos deixa à deriva neste jogo traçado por Augusto Abelaira.

Este jogo, no caminhar da leitura, fica cada vez mais claro e, por conseguinte, mais denso, pois, ao adentrar dos dias no diário, a duplicidade das personagens vai ficando evidente e suas indagações sobre si e sobre o outro se mostram cada vez mais transparentes. Cito:

Mas a custa de querer pensar como tu pensas, de querer escrever o que tu escreves, acabei por perder-me de vista. Descobrir que quase não tenho vida própria - a minha vida própria, mesmo quando me limito a pensar, mesmo quando não escrevo, deixou de estar conjugada na minha primeira pessoa ou até na terceira pessoa referida a ti - mas numa primeira pessoa que é a tua. (ABELAIRA, 1999, p.108)

O infindável jogo de se ver no outro acaba por romper as barreiras da própria compreensão de si. As verdades que cada um possui, terminam por misturarem-se as do outro e o que era para ser alheio passa a próprio e, neste cambiante processo de metamorfoses, as



certezas identitárias esvaem-se, e o desejo de ser o outro se confunde ao desejo de, apenas, ser.

Cito:

Agora, porém, desejaria conjugar-me na minha primeira pessoa e não na tua, desejo recuperar-me, ser eu, independentemente daquilo que tu és - e a caneta emperra, já não sei escrever. Desejo dirigir-me a mim mesma, fazer de mim a segunda pessoa: “Tu, Maria dos Remédios..., que és assim a assado”, mas não sei. A segunda pessoa que sempre me ocorre é a tua: “Sabes, Humberto, que eu sou assim e assado?” E pelo próprio facto de me dirigir a ti, já não sou bem eu. (ABELAIRA, 1999)

Entendemos este “ser”, em *Bolor*, como uma condição para o desenvolvimento da narrativa, já que as identidades não se definem, mas sim se transfiguram e se modificam a cada momento. Neste vacilante jogo, somos levados a adentrar no mundo particular de cada personagem e, ao mesmo tempo, temos que ler e observar a narrativa a partir dos diversos ângulos que se apresentam, para que assim consigamos capturar os sentimentos e traçar uma linha de leitura que se mostre plausível em meio a este confuso bloco de conjecturas.

Abelaira traça uma narrativa aberta, onde um infundável arcabouço de possibilidades interpretativas é posto. O leitor é convidado a compartilhar anseios, sentimentos e angústias com suas personagens e caminha lado a lado na busca de um desfecho não-realizável. Pontos de vista são apresentados, hipóteses são levantadas e, neste sentido, a narrativa se constrói. Sem um fim proposto, Augusto Abelaira nos mostra um universo tenso e deteriorado, refletindo, também, um tempo sombrio que se fazia presente.

Assim, dentro deste contexto, entendemos o *Bolor*, como uma obra seminal de Augusto Abelaira, pois um enleado e intrincado enredo se manifesta, trazendo à tona uma complexa estrutura discursiva. As personagens são o reflexo de um jogo narrativo, em que uma angustiante e deteriorada relação é posta, tendo o silêncio como linguagem e o fragmento como estrutura. Ler *Bolor* transforma-se em um exercício de auto-transfiguração, onde a cada virar de páginas se faz necessário uma tomada de perspectiva. O “estar no outro” é crucial na inteligibilidade da narrativa, tendo o leitor que trabalhar o grau de receptibilidade que cada personagem sugere, adentrando no psicológico de cada um, para, de maneira proveitosa, retirar o que Abelaira deixou escondido nas entranhas do texto.

3 – O outro como referência: uma leitura de “O mundo dos outros”:



Por fora, à superfície dos sorrisos, converso, mecanizo gestos de atenção presente, provo que mereço a glória do meu grau de licenciado em Direito. Encerrado no crânio, penso, discuto, retalho-me, berro, embalo-me com promessas, vibro, em suma, todos os grandes deslumbramentos da liberdade plena.

José Gomes Ferreira

Enquanto Augusto Abelaira, em *Bolor*, nos apresenta um universo fechado, dentro de um ambiente restrito e enclausurante, José Gomes Ferreira, em sua coletânea de crônicas (ou talvez contos?), *O Mundo dos Outros*, busca uma direta relação com o universo público dos grandes centros urbanos. Temos, em suas diferentes *histórias e vagabundagens*, um contato direto com a realidade social da cidade e o autor elege, como matéria-prima de sua obra, o cotidiano das ruas e toda diversidade que dela possa emanar. Como o próprio afirma: “Nas cidades - e nos rios - interessa-me menos o leito pedregoso do que a corrente de pessoas vivas a rolarem por essas calçadas de manhã à noite, cada qual pegada à sua sombra”(DIONÍSIO, 1990). É no popular que José Gomes Ferreira vai pautar suas considerações. É no contexto conturbado e plural da *urbe* que entendemos Gomes Ferreira como um atento observador, onde seu olhar volta-se para as relações inter-pessoais e analisa, de forma contundente, os diferentes modos de relacionamento entre os indivíduos. Ele vê as cidades como um espaço de troca, como o lugar ideal para a análise social, sendo o cenário perfeito para suas críticas.

Pensar *O Mundo dos Outros* faz com que mergulhemos numa densa experiência do “olhar”. José Gomes Ferreira através de sua escrita nos conduz a refletir sobre o outro que, na verdade, acaba por confundir-se a nós mesmos. Um mundo vasto e incoerente é desvelado por seus narradores, que nos mostram, muitas vezes de forma angustiante, um universo pelo avesso, recheado de guerras, tiranias e inconformidades. José Gomes Ferreira olha o outro por um viés crítico e externaliza todo seu sentimento de inconformismo. Um Portugal que se apresenta constantemente perseguido por uma sombra salazarista onipresente, e que pelos meandros da escrita vai dissolvendo-se por entre reflexões amargas e reveladoras. Através de várias “máscaras”, José Gomes Ferreira vai trazendo, ao leitor, diferentes facetas do ser humano, em que, na vivência diária, mostra-se um ser diferente de si mesmo. Muitas metáforas são expostas, refletindo os sentimentos e pensamentos do autor que “olha” o mundo através de sua literatura.



Nesta obra, José Gomes Ferreira consegue questionar o indivíduo enquanto parte da coletividade e, no percorrer de suas linhas, encontramos diferentes narradores que nos mostram a dificuldade de auto-afirmação dentro do contexto autoritário e castrador da sociedade. Vemos como o autor conduz-nos a refletir sobre os processos de subjetivação e mascaramento que caracterizam a vida coletiva.

Na relação com o outro, José Gomes Ferreira deixa transparecer, através de seus personagens, um sentimento de egoísmo e individualidade que, aparentemente, parece estar arraigado à vida cotidiana. Há uma espécie de fumo que parece atravessar todos os textos como se houvesse um elo de coesão entre as personagens que, de forma sistemática, questionam-se sobre si e sobre o outro:

Mas... que é isto? Que picada é esta que me magoa o coração como se lhe tivesse espetado um arame com uma bandeirinha também na ponta? Que intento ocultar de mim mesmo no apodrecer de alçapões já sem mistério ao menos? (FERREIRA, 1990, p.35)

O Mundo dos Outros parece revolver um material já conhecido, mas que a sociedade, talvez por auto-proteção, insiste em escamotear. A realidade se mostra crua e o que vai interessar a esse autor não se resume em apenas desvelar esta realidade em si, de miséria e abandono, mas sim entender como o indivíduo, enquanto parte de uma coletividade, lida com isso e de que maneira foge dela, construindo “capas” de proteção, numa tentativa de se convencer, ou talvez se justificar perante a parcela de responsabilidade que possui diante daquilo. O autor força-nos a ver o que não queremos e nos convida a assumir a parcela de culpa que temos em relação aos desvios da sociedade. Percebemos, claramente, este mecanismo quando, a partir de uma série de pequenos monólogos, o narrador de “A boca enorme”, após deparar-se com o destino trágico da personagem que rouba e é presa, conclui que a maior culpada não é a ladra em si, mas todos aqueles que fecham os olhos e continuam a viver como se suas vidas não tivessem relação com isto:

E se precisarem de alguém para a substituir na enxovia, prendam-me a mim, prendam este aquele, tu, o outro, ele, nós, vós, todos... porque todos lhe roubámos qualquer coisa muito antes de ela roubar não sei quê a não sei quem... Porque apenas lhe demos meia dúzia de manhãs de sol na praia da Cruz Quebrada, onde a pobre “Boca-Enorme” se esforçou em vão por viver a vida toda, duma só vez. (FERREIRA, 1990, p.45)



Dentre as muitas personagens de suas crônicas, José Gomes Ferreira leva o leitor a questionar a sua própria atitude em relação aos outros. Mostra como, a partir de seus atos, o indivíduo busca se adaptar ao senso comum e se esforça por ser aceito, pois possui a consciência de estar em constante julgamento e estrutura-se na sociedade através do olhar do outro. Sobre isto, Berger & Luckmann comentam:

o outro é apreendido por mim num vivido presente partilhado por nós dois. Sei que no mesmo vivido presente sou apreendido por ele (...) há um intercâmbio contínuo entre minha expressividade e a dele. (...) Todas as minhas expressões orientam-se na direção dele e vice-versa e esta contínua reciprocidade de atos expressivos é simultaneamente acessível a nós ambos. Isto significa que na situação face a face a subjetividade do outro me é acessível mediante o máximo de sintomas. (BERGER, LUCKMANN, 1987, p.47)

O autor de *O Mundo dos Outros* nos coloca frente a frente com o “desconcerto do dia” e mostra toda a dificuldade que temos de nos adaptarmos a este cotidiano. Gomes Ferreira demonstra toda complexidade que emana das relações do homem com o meio e, como tema recorrente em suas crônicas, mostra a incapacidade do indivíduo em ser ele mesmo, deixando clara a sua insatisfação em estar sempre tendo que se transmutar para atuar no convívio diário da sociedade. Vemos, portanto, que a rua, o local por excelência de interação com o outro, é o ambiente da falsidade, onde é obrigado deixar de lado a si próprio para fazer parte da massa, ou, pelo menos, não ser afastado dela. Em *A sombra*, esta relação de incompatibilidade entre o mundo exterior, a que podemos arriscar chamar de “mundo dos outros”, e o mundo interior da personagem mostra-se claramente. O narrador, já no início da crônica, separa dois mundos que se distinguem antagonicamente: o privado, onde vê um “dia de sol, de andorinhas, de árvores azuis”; e o público, onde os homens “resolveram não coincidir com a natureza” (FERREIRA, 1990, p.60). É neste contexto que o narrador, ao sair de casa, inevitavelmente, transfigura-se e percebe “mais uma vez o espanto de trazer por fora um ser tão completamente diferente”(FERREIRA, 1990, p.60) dele mesmo.

Para José Gomes Ferreira, viver é mascarar-se, pois estamos a todo o momento nos despindo de nossas particularidades para enquadrarmo-nos em grupos. É como “viver duas vezes ao mesmo tempo”(FERREIRA, 1990, p.45) , uma para si e outra para os outros. Diversos olhares estão em questão: como vemos o mundo, como o mundo nos vê e como gostaríamos de ser vistos. Dessa forma, somos “nuvens” flutuando à deriva em um universo que nos força a



constantes mutações, “sujeito à tirania de ventos semelhantes e ao mesmo destino vário de não possuir um caráter de aceitação unânime.” (FERREIRA, 1990, p.46)

O que se faz importante perceber é que esta constante disparidade entre o “mundo dos outros” e o mundo interior e, por consequência, as constantes mutações a que o homem se submete pode, também, servir como o que o narrador de *Parece impossível mas sou uma nuvem* chamou de “Elixir de Longa Vida” (FERREIRA, 1990, p.48), pois, a partir do momento em que o indivíduo possui a consciência deste processo, ele consegue se afastar e analisar de fora as relações sociais que estão se desenvolvendo e, desta forma, mascara-se forçosamente. Nesta crônica, José Gomes Ferreira compara seu narrador a uma “nuvem” que, em sua aparente inocência, traz arraigado a si, porém sempre escondida, a sabedoria que lhe permite transmutar-se e despir-se de pudores para adaptar-se ao meio e, ironicamente, rir-se dele:

Graças ao meu profundo talento de Proteu, nunca os palermas que me supõem tímido assistiram a um rasgo de revolta da minha parte. Nem os que me consideram abaixo da craveira normal puderam arrepender-se do seu juízo a respeito da minha imbecilidade prevista. (...) Mas este é um dos segredos que hei-de levar para a sepultura.

Entretanto por fora continuo a teimar:

-É um hipopótamo, já disse! (FERREIRA, 1990, p.48)

José Gomes Ferreira traz-nos um mundo que se organiza de forma difusa. Há uma incompatibilidade patente entre o mundo de seus personagens e o “mundo dos outros”. O autor, mediante uma estratégia marcante, coloca-nos em choque com nossa própria consciência e, a partir da subjetividade de seus personagens, adentramos em zonas de reflexão que nos levam a questionar todo o sistema vigente. O “outro” é o foco, porém nós mesmos é que somos atingidos. Mais que *histórias e vagabundagens*, este conjunto de crônicas exercem um papel crucial de alerta e denúncia, conduzindo o leitor a um profundo processo de auto-conhecimento.

3 – Considerações finais

De formas diferentes, vimos que tanto em *Bolor* quanto em *O Mundo dos Outros*, o cotidiano concentra o cerne dos questionamentos a respeito das relações inter-pessoais de seus personagens. Seja em um ambiente privado e encenado como em *Bolor*, seja nos diversos espaços públicos trabalhados por Gomes Ferreira, o interessante é perceber toda complexidade



que emana destas abordagens e compreender como a temática da transfiguração do indivíduo, quando em contato com o outro, se faz presente e perpassa as duas obras.

Duas propostas distintas de leituras foram feitas, tendo como horizonte uma temática em comum. Obras que nos fazem pensar o outro e, conseqüentemente, a nós mesmos, mas que, no entanto, não dialogam diretamente.

Este trabalho não buscou, portanto, um estudo comparado. Mais que a tentativa de encontrar elementos em comum entre os textos, procurou-se, aqui, abordar um mesmo eixo a partir de perspectivas distintas para que, de forma mais ampla, pudéssemos abrir o leque de questionamentos em torno deste grande “guarda-chuva” que é o cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELAIRA, Augusto. **Bolor**. Rio de Janeiro: Lacerda editores, 1999.
- BERGER, P, LUCKMANN, T. “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana”. In: **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BORGES, Jorge Luis. “O jardim de veredas que se bifurcam”. In: **Ficções**. São Paulo: Globo, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DIONÍSIO, Mario. “Prefácio” In: FERREIRA, José Gomes. **O mundo dos outros. Histórias e vagabundagens**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. “Face à palavra silenciada: sedução e transgressão”. In: SILVA, Renato Jorge, ALVES, Ida Maria Santos Ferreira (org.). **A palavra silenciada: Estudos de literatura portuguesa africanas**. Rio de Janeiro: Ed. Vício de leitura, 2001.
- FERREIRA, José Gomes. **O mundo dos outros. Histórias e vagabundagens**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- FOUCAULT, Michel. “Verdade e poder”. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



PEREIRA, Paulo Alexandre. “Como quem enfia as pedras de um colar’: diário e fragmentação em Bolor, de Augusto Abelaira. In: **Revista Forma Breve 4**. Aveiro: Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. “Dos regimes da arte e do pouco interesse da noção de modernidade”. In: **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1996.